

A PROPÓSITO DO CENTENÁRIO DE LIMA BARRETO

L. G. Horta Lisboa

(Conferência proferida na Academia Campinense de Letras em novembro de 1981, comemorando o centenário de nascimento de Lima Barreto)

O Brasil comemora, neste ano, o centenário de nascimento do escritor Lima Barreto. Quis a Academia Campinense de Letras, também, registrar o evento e, por essa razão, aqui estamos, por indicação do acadêmico Odilon Nogueira de Matos.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro, no dia 13 de maio de 1881. Filho de modesto funcionário público, depois de terminar o curso no Colégio Pedro II, ingressou na Escola Politécnica do Rio. Entretanto, devido à doença do pai, precisou abandonar os estudos universitários, em 1902, e passou a exercer a profissão de jornalista. Alguns meses depois, por concurso, obteve um lugar de amanuense na Diretoria do Expediente da Secretaria da Guerra.

E assim, procurava equilibrar a sua vida financeira, entre as funções de funcionário do Ministério da Guerra e as atividades de imprensa.

Resolve em 1904, dedicar-se à ficção. Nessa época escreve o romance **Clara dos Anjos**, que só apareceria postumamente, e começa a levar uma existência irregular, bebendo em excesso. Por duas vezes foi internado no Hospício Nacional.

Apesar das dificuldades, é vasta a sua obra literária.

Publicou os seguintes romances: **Recordações do Escrivão Isafas Caminha** (1909), **Triste Fim de Policarpo Quaresma** (em folhetim no "Jornal do Comércio", do Rio, em 1911 e em volume em 1915), **Numa e a Ninfa** (publicado em folhetins de "A Noite", do Rio de Janeiro, em 1915 e em volume no mesmo ano), **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá** (1919), **Clara dos Anjos** (publicado em folhetins da Revista Sousa Cruz", em 1923 e 1924 e em volume no ano de 1948).

Posteriormente, isto é, em 1956, a Editora Brasiliense publicou, graças ao trabalho de Francisco de Assis Barbosa, as obras completas de Lima Barreto, em 17 volumes.

Em seu tempo, Lima Barreto conseguiu impor-se como escritor, mas a sua consagração veio bem mais tarde. O movimento modernista, que põe em destaque a literatura de fundo social, concorreu para essa consagração. No entanto, Lima Barreto não compreendeu as características desse movimento literário, acreditando ser ele uma imitação do futurismo de Marinetti.

Ao ler um dos números da revista "Klaxon" dos modernistas, Barreto escreveu um artigo condenando o movimento. E ao final da crítica afirma: "O que há de azedume neste artiguete não representa nenhuma hostilidade aos moços que fundaram "Klaxon", mas sim a manifestação da minha sincera antipatia contra o grotesco futurismo, que no fundo, não é senão brutalidade, grosseria e escatologia, sobretudo esta".

Era um grande romancista urbano, retratando aspectos do Rio de Janeiro, principalmente de seu subúrbio. Mas, dentro desse cenário, usava a sátira e o sarcasmo contra o poder. Através da literatura, ele investe contra os poderosos.

A respeito do seu comportamento literário, Francisco de Assis Barbosa escreveu: "É claro que a condição de mulato — e mulato incompreendido e até certo ponto perseguido — influenciou a obra de Lima Barreto. Mas isso não é tudo. Há nela muito mais do que uma reação meramente instintiva de um profundo sentimento humano e de uma admirável compreensão do fenômeno social. Vamos ser sinceros: não será possível proceder-se à revisão da nossa história republicana do 15 de novembro ao primeiro 5 de julho, trabalho que tanto se impõe, sem recorrer aos romances, contos, crônicas e artigos de Lima Barreto".

Em "Numa e a Ninfá", Lima Barreto usa a ficção para focalizar políticos da época. Wilson Martins, em "História da Inteligência Brasileira", esclarece: "Quando apareceu em livro, dois anos mais tarde, João Ribeiro viu-o como um "estudo da vida social e política do nosso tempo. É realmente um dos raros livros que espelham, com verossimilhança, se não com fidelidade, os vícios e costumes da sociedade política". É uma sátira ideologicamente "civilista", não só porque tem por alvo o Marechal Hermes da Fonseca (General Bentes) e seus amigos, a propósito das manobras que resultaram na sua candidatura à presidência da República, mas ainda porque Lima Barreto renova, em termos ainda mais vivos, as suas críticas a Floriano Peixoto e ao florianismo. As personalidades visadas foram identificadas com tanto maior facilidade pelos contemporâneos quanto o jornal lhes havia publicado todos os nomes sob caricaturas identificadoras: Pinheiro Machado, Rivadávia Correia, Antônio Azeredo, Lauro Müller, Hermes da Fonseca, João Laje (vítima de novo, como já o tinha sido de Mário Rodrigues), Paulo de Frontin, Luís Bartolomeu, Leão Veloso e Sabino Barroso".

Lima Barreto não era contundente apenas nos aspectos políticos. Além de grande parcela autobiográfica contida em seus romances, o escritor procurava abalar certas convicções que considerava falsas. Contrariando as idéias de Alberto Torres, que enaltecia as nossas possibilidades agrícolas e o nacionalismo ingênuo de Afonso Celso, ele escreveu o **Triste Fim de Policarpo Quaresma**.

Este trecho é o retrato de uma época:

O que mais impressionou no passeio foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido de gente pobre. Educada na cidade, tinha ela dos roceiros idéia de que eram felizes, saudáveis e alegres. Havendo tanto barro, tanta água, por que as casas não eram de tijolos e não tinham telhas? Era sempre aquele sapé sinistro e aquele "sopapo" que deixava ver a trama de varas, como o esqueleto de um doente. Por que ao redor dessas casas, não havia culturas, uma horta, um pomar? Não seria tão fácil, trabalho de horas? E não havia gado, nem grande nem pequeno. Era raro uma cabra, um carneiro. Por quê? Mesmo nas fazendas, o espetáculo não era mais animador. Todas soturnas, baixas, quase sem o pomar olente e a horta suculenta. A não ser o café e um milharal, aqui e ali, ela não pôde ver outra lavoura, outra indústria agrícola. Não podia ser preguiça só ou indolência. Para o seu gasto, para uso próprio, o homem tem sempre energia para trabalhar. As populações mais acusadas de preguiça, trabalham relativamente. Na África, na Índia, na Cochinchina, em toda a parte, os casais, as famílias, as tribos, plantam um pouco, algumas coisas para eles. Seria a terra? Que seria? E todas essas questões desafiavam a sua curiosidade, o seu desejo de saber, e também a sua piedade e simpatia por aqueles párias, maltrapilhos, mal alojados, talvez com fome, sorumbáticos! ...

Pensou em ser homem. Se o fosse passaria ali e em outras localidades meses e anos; indagaria, observaria e, com certeza, havia de encontrar o motivo e o remédio. Aquilo era uma situação do camponês da Idade Média e começo da nossa: era o famoso animal de La Bruyère que tinha face humana e voz articulada...

Como no dia seguinte fosse passear ao roçado do padrinho, aproveitou a ocasião para interrogar a respeito o tagarela Felizardo. A faina do roçado ia quase no fim; o grande trato da terra estava quase inteiramente limpo e subia um pouco em ladeira a colina que formava a lombada do sítio.

Olga encontrou o camarada cá em baixo, cortando a machado as madeiras mais grossas; Anastácio estava no alto, na orla do mato, juntando, a ancinho, as folhas caídas. Ela lhe falou,

- Bons dias, "sá dona".
- Então trabalha-se muito, Felizardo?
- O que se pode.
- Estive ontem no Cariço, bonito lugar... Onde é que você mora, Felizardo?
- É doutra banda, na estrada da vila.
- É grande o sítio de você?
- Tem alguma terra, sim senhora, "sá dona".
- Você por que não planta para você?
- "Quá sá dona!" O que é que a gente come?
- O que plantar ou aquilo que a plantação der em dinheiro.
- "Sá dona tá" pensando uma coisa e a coisa é outra. Enquanto planta cresce, e então? "Quá sá dona", não é assim.

Deu uma machadada: o tronco escapou; colocou-o o melhor no picador e, antes de desferir o machado, ainda disse:

— Terra não é passa... E “frumiga”?... Nós não “tem” ferramenta... isso é bom para italiano ou“alemão”, que governo dá tudo... Governo não gosta de nós...

Desferiu o machado firme, seguro; o rugoso tronco se abriu em duas partes, quase iguais, de um claro amarelado, onde o cerne escuro começava a aparecer.

Ela voltou querendo afastar do espírito aquele desacordo que o camarada indicara, mas não pôde. Era certo. Pela primeira vez notava que o *self-help* do Governo era só para os nacionais; para os outros todos os auxílios e facilidades, não contando com a sua anterior educação e apoio dos patrícios”.

Este é também um trecho significativo: “O major levantou-se, agarrou o castiçal e foi à dependência da casa donde partia o ruído, assim mesmo como estava, em camisa de dormir.

Abriu a porta; nada viu. Ia procurar nos cantos, quando sentiu uma ferroada no peito do pé. Quase gritou. Abaixou a vela para ver melhor e deu com uma enorme saúva agarrada com toda a fúria à sua pele magra. Descobriu a origem da bulha. Eram formigas que, por um buraco no assoalho, lhe tinham invadido a despensa e lhe carregavam as reservas de milho e feijão, cujos recipientes tinham sido deixados abertos por inadvertência. O chão estava negro, e carregadas com os grãos, elas, em pelotões cerrados, mergulhavam no solo em busca da sua cidade subterrânea.

Quis afugentá-los. Matou uma, duas, dez, vinte, cem, mas eram milhares e cada vez mais o exército aumentava. Veio uma, mordeu-o, depois outra, e o foram mordendo pelas pernas, pelos pés, subindo pelo seu corpo. Não pôde agüentar, gritou, sapateou e deixou a vela cair”.

Os contratemplos foram tantos, que Quaresma cansou-se da terra. Surge a revolta de 1893 e ele, patriota que era, alista-se como voluntário das forças legalistas.

Daí por diante, o romancista procura focalizar o lado negativo de Floriano Peixoto. É evidente sua ironia.

É expressivo o sabor deste trecho:” — O Canhão ! Já ! Avante ! ordenou o comandante. E, em seguida, nervoso, recomendou:

— Esperam um pouco.

Correu a casa e foi consultar os seus compêndios e tabelas. Demorou-se e a lancha avançava, os soldados estavam tontos e um deles tomou a iniciativa: carregou a peça e disparou-a.

Quaresma reapareceu correndo, assustado, e disse, entrecortado pelo resfolegar:

— Viram bem... a distância... a alça... o ângulo... É preciso ter sempre em vista a eficiência do fogo.

Fontes veio e sabendo do caso no dia seguinte riu-se muito:

— Ora, major, você pensa que está em um polígono, fazendo estudos práticos... Fogo para diante !

E assim era. Quase todas as tardes havia bombardeio, do mar para as fortalezas, e das fortalezas para o mar: e, tanto os navios como os fortes, saíam incólumes de tão terríveis provas”.

Em **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**, o estilo é superior ao dos livros anteriores. Sobre ele, escreveu Wilson Martins: “É, de novo, como todos os romances de Lima Barreto, a transposição fictícia do seu próprio malogro: agora, no destino pessoalmente frustrado do menino Aleixo Manuel (pois Gonzaga de Sá morre antes de poder transformá-lo num “novo Tito Lívio de Castro”), o romancista esboça a sua própria história, afilhado de poderoso político, estudante incapaz de concluir o curso da Politécnica, ébrio habitual, cliente periódico do hospital de alienados, em algum momento, procura responsabilizar “a sociedade” por suas próprias insuficiências, ou, racionalizadamente, a educação que tivera, superior, antagonônica e imprópria à sua condição social, o narrador de “Gonzaga de Sá” sabe, no íntimo de si mesmo, onde está a verdade: “os culpados do que eu sofria não eram a minha educação nem a minha instrução. Era eu mesmo; era o meu gênio; era o meu orgulho aliado a um estúpido medo”.

Por isso mesmo, a metáfora mais pungente do seu destino é a narrativa “O inventor e a Aeronave”, encontrada entre os papéis de Gonzaga de Sá. Trata-se da história do homem dominado pela idéia fixa de voar, desde a mais tenra infância”.

Neste volume, também o romancista lança sátiras contra a sociedade e o Barão do Rio Branco.

Ao que parece, Lima Barreto confiava muito no poder demolidor da palavra impressa, usando-a como arma para abalar o prestígio de certos costumes. Foi publicamente contra o telefone, o cinema e o futebol.

Após a publicação da **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**, Lima Barreto fez a segunda tentativa para ingressar na Academia Brasileira de Letras. Candidatou-se à vaga deixada por Emílio de Menezes, outro boêmio de renome. Em 21 de abril de 1919, João Ribeiro comentava em artigo: “poucos, pouquíssimos, poderiam disputar-lhe essa consagração”. Mas, não foi eleito. No entanto, em 1920, a casa de Machado de Assis premiaria o seu romance **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**.

Talvez que a página mais conhecida de Lima Barreto, seja o seu conto **O Homem que Sabia Javanês**. É escrito em estilo atraente e ao mesmo tempo alegre. Seria interessante lembrar aqui o início dessa narração:

“Em uma confeitaria, certa vez, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e à respeitabilidade, para poder viver.

Houve mesmo dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

O meu amigo ouvia-me calado, embevecido, gostando daquele meu Gil Brás vivo, até que, em uma pausa da conversa, ao esgotarmos os copos, observou a esmo:

– Tens levado uma vida bem engraçada, Castelo !

– Só assim se pode viver... Isto de uma ocupação única: sair de casa a certas horas, voltar a outras, aborrece, não achas ? Não sei como me tenho agüentado lá, no consulado !

– Cansa-se; mas, não é disso que me admiro. O que me admiro é que tenhas corrido tantas aventuras, neste Brasil imbecil e burocrático.

– Qual ! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas páginas de vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanês !

– Quando ! Aqui, depois que voltaste do consulado ?

– Não; antes. E, por sinal, fui nomeado cônsul por isso.

– Conta lá como foi. Bebes mais cerveja ?

– Bebo.

Mandamos buscar mais outra garrafa, enchemos os copos e continuei:

– Eu tinha chegado, havia pouco, no Rio e estava literalmente na miséria. Vivia fugido em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li no “Jornal do Comércio” o anúncio seguinte:

“Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas etc.”

Ora, disse cá comigo, aí está uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me. Saí do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-se professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os *cadáveres*. Insensivelmente, dirigi-me à Biblioteca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapéu ao porteiro, recebi a senha e subi. Na escada, acudiu-me pedir a “A Grande Enciclopédia”, letra J, afim de consultar o artigo relativo a Java e à língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês, língua aglutinante do grupo malaio-polinésio, possuía uma literatura digna de nota e escrita em caracteres derivados do velho alfabeto hindu.

A “Enciclopédia dava-me indicação de trabalhos sobre a tal língua malaia e não tive dúvidas em consultar um deles. Copiei o alfabeto, e sua pronunção figurada e saí. Andei pelas ruas perambulando e mastigando letras”.

E nesse tom, continua Barreto a história do incrível Castelo, inteligente, sagaz, que conseguiu o emprego de professor de javanês, base de sua nomeação para o cargo de cônsul.

O escritor Affonso Henriques de Lima Barreto morreu, no Rio de Janeiro, a 1.º de novembro de 1922. Logo depois de sua morte, o seu editor publicava *Bruzundangas*, panfleto nacionalista, em que pregava uma reformulação da sociedade e da política, consideradas corruptas.

A obra literária de Lima Barreto foi esquecida, durante algum tempo. Agrippino Grieco, em 1933, teve a primazia de destacá-la, em

Evolução da Prosa Brasileira, e desde então, ela passou a figurar na história literária do país e em antologias escolares.

Segundo seus biógrafos, Lima Barreto viveu com problemas mentais, refugiava-se no alcoolismo e procurava assim anular os seus complexos.

Entretanto, vivendo apenas 41 anos, apesar das vicissitudes, deixou uma obra literária vasta e variada. Foi um autêntico escritor e merece esta consagração.

*